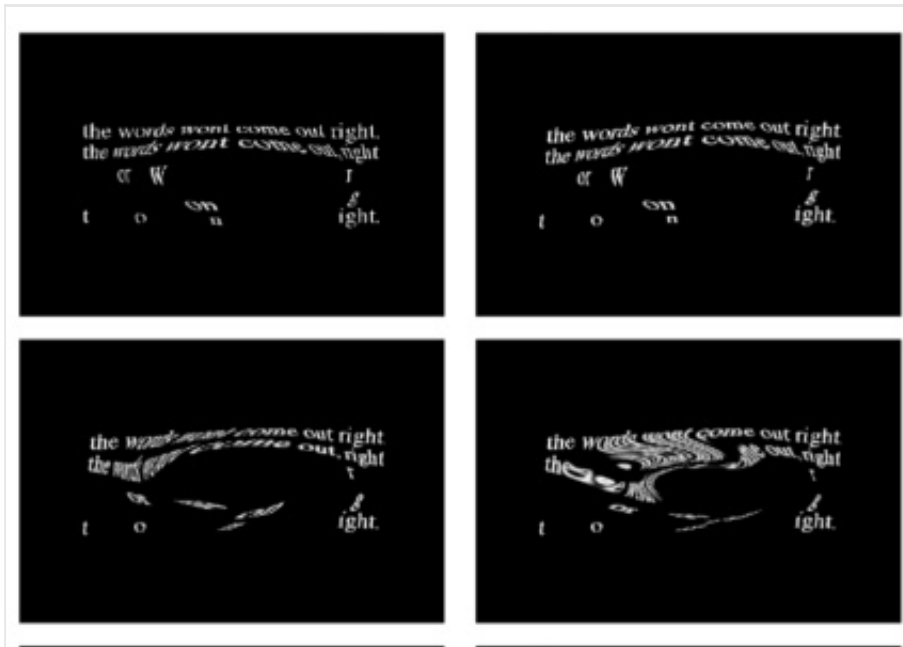


A arte digital de Eduardo Kac



Poesia digital na década de 1980 era feita por poucos no Brasil. Um dos pioneiros desta linguagem, o artista visual Eduardo Kac, escreveu sua primeira obra em 1982 através de um processo artístico próprio desenvolvido de forma experimental. A exposição **Eduardo Kac: Poema Digital, 1982-1999**, que está no Oi Futuro, Ipanema, até o dia 02/03, percorre a criação de Kac nestes 17 anos.

Dois dos 11 poemas digitais, projetados em telas, permitem interação com o público. Em **Storms**, é possível navegar pelo texto e fazer escolhas que mudam o rumo da leitura em bifurcação. O trabalho intitulado **Oco** proporciona uma experiência tridimensional com luz virtual. O resultado se traduz em fluidez através de novas sintaxes.

“Eu não discrimino palavra de imagem. Existe um movimento fluido em que a imagem vira palavra e depois som, é algo com ausência de rigidez entre as formas”, explica Kac. Para o artista, embora seja um trabalho iniciado há 30 anos, ele permanece com uma

carga de linguagem transformadora devido à experiência de cada sujeito e ao valor de sua criação.

Na mostra, o universo analógico dá lugar, diante dos olhos do público, a uma vertente menos conhecida da arte digital. São poemas que, em movimento, procuram lembrar a lógica de um ser vivo. Cada poema dialoga com o tempo da pessoa e provoca leituras subjetivas a partir de vivências diferenciadas.

"A poesia sempre ocupou um papel importante na minha vida pessoal e profissional", diz. Há 25 anos, ele se mudou para Chicago em busca dos equipamentos necessários para produzir suas ideias artísticas. Por trás da mudança, a vontade de tornar real e precipitar um tempo que ainda estava começando a ser discutido no cenário da arte.

Na obra poética de Kac circula o conceito dinâmico, capaz de ser observada também nos trabalhos de bioarte e telepresença. Além da poesia, Kac ficou conhecido por desenvolver a arte como matéria viva, quase sempre em laboratórios de alta tecnologia. Utilizando engenharia genética, em um laboratório francês, criou uma coelha que emitia uma fluorescência verde quando colocada diante de uma luz especial. O projeto chamado [GFP Bunny](#) gerou polêmica nos anos 2000. Em seguida, lançou [Edunia](#), um híbrido do DNA do artista com a flor Petunia, com conceitos e técnicas da biologia molecular.

“No fundo, eu tenho grande interesse por processos de comunicação em sua totalidade, seja entre células ou redes digitais”, sintetiza o artista.

Mais informações em [Programação Cultural](#).

Colaboração de Yzadora Monteiro

 [indique para amigo](#)  [versão para impressão](#)

 [permalink](#)

Compartilhe:        